



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ENGENHARIA E GEOCIÊNCIAS
BACHARELADO EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO**

ADRIANA FERNANDES DA SILVA

**“ENTRE REDES E RAÍZES: DESAFIOS DAS MULHERES INDÍGENAS NA CIÊNCIA
DA COMPUTAÇÃO DA UFOPA”**

**SANTARÉM-PA
2025**

ADRIANA FERNANDES DA SILVA

**“ENTRE REDES E RAÍZES: DESAFIOS DAS MULHERES INDÍGENAS NA CIÊNCIA
DA COMPUTAÇÃO DA UFOPA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Ciência da Computação, como pré-requisito para obtenção do Título de Bacharel em Ciência da Computação; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Engenharia e Geociências.

Orientadora: Prof.^a Dr. Carla Marina Paxiúba.

**SANTARÉM-PA
2025**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**



ATA Nº 6 / 2025 - PROEN (11.01.01)

Nº do Protocolo: 23204.009409/2025-67

Santarém-PA, 09 de julho de 2025.

ATA DE DEFESA

Ao décimo primeiro dia do mês de julho de 2025, a discente ADRIANA FERNANDES DA SILVA, regularmente matriculado no curso de Bacharelado em Ciência da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará, defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: "Entre Redes e Raízes: Desafios das Mulheres Indígenas na Ciência da Computação da UFOPA", como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciência da Computação. Após a defesa pública, a Banca Examinadora, constituída pelos professores Dra. Carla Marin Costa Paxiuba (Presidente e Orientador); Dra. LUANNA CARDOSO OLIVEIRA (Membro interno); e Dra. MARILIA FERNANDA PEREIRA LEITE (Membro interno) reuniu-se para avaliar e atribuir a aprovação com nota média de 10,0 no TCC. Não houve sugestões de alteração no trabalho.

(Assinado digitalmente em 09/07/2025 09:24)
CARLA MARINA COSTA PAXIUBA
PROEN (11.01.01)
Matrícula: ###096#9

(Assinado digitalmente em 09/07/2025 12:57)
LUANNA CARDOSO OLIVEIRA
FEJ (11.01.05)
Matrícula: ###493#6

(Assinado digitalmente em 09/07/2025 09:58)
MARILIA FERNANDA PEREIRA LEITE
FEJ (11.01.05)
Matrícula: ###813#2

Visualize o documento original em <https://sipac.ufopa.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 6, ano: 2025, tipo: ATA, data de emissão: 09/07/2025 e o código de verificação: 624f833c30

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte inesgotável de força e sabedoria que me sustentou nesta jornada acadêmica, oferecendo-me coragem para perseverar nos momentos de incerteza. À minha família, meu porto seguro e maior inspiração, dedico um agradecimento que palavras não expressam completamente. Vocês foram os pilares que me ergueram e os corações que sempre acreditaram em mim. Esta vitória é nossa.

Aos meus amigos queridos, companheiros desta caminhada acadêmica, expresso minha sincera gratidão. Vocês transformaram os dias difíceis em momentos mais leves, dividiram comigo conhecimentos, risadas e esperanças. Aos amigos da vida, obrigada por compreenderem minhas ausências e continuarem torcendo incondicionalmente.

Às professoras Carla Paxiúba e Marília Leite, expresso minha profunda gratidão. À professora Carla, minha orientadora, agradeço por ter aceitado caminhar comigo nesta jornada. À professora Marília, sou grata pela paciência nas correções, pela dedicação incansável e, principalmente, por acreditar na minha capacidade e me impulsionar a seguir em frente. Vocês iluminaram meu caminho com sabedoria e generosidade.

À pedagoga Rosana Canto, que me acompanhou neste processo de TCC, ofereço meu sincero reconhecimento. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos e por me orientar com tanta dedicação.

Estendo minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista. Este trabalho representa o resultado de uma rede de apoio, amor e dedicação que jamais esquecerei.

RESUMO

O desequilíbrio de gênero nas áreas tecnológicas resulta em escassa representatividade feminina em cursos como Ciência da Computação, o desafio se intensifica entre mulheres indígenas, que enfrentam camadas sobrepostas de obstáculos sociais e estruturais. Este cenário se materializa na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), onde a presença de mulheres indígenas no curso é notavelmente reduzida. No período de 2012 a 2023, 16 estudantes indígenas ingressaram no curso de graduação em Ciência da Computação. Deste total, 7 são mulheres e não há registros de conclusão delas até 2023. Esta pesquisa buscou mapear e compreender a presença das mulheres indígenas no curso de Ciência da Computação da Ufopa entre 2012 e 2023. A investigação revelou desafios significativos enfrentados por estas estudantes, incluindo a adaptação à vida urbana, barreiras linguísticas, precariedade de infraestrutura escolar em suas comunidades de origem, o insuficiente apoio institucional e experiências de discriminação, relatadas por 40% das participantes do nosso estudo. As participantes do estudo indicaram que a escolha do curso foi motivada principalmente pelo desejo de contribuir com suas comunidades (60%) e pela afinidade com a área (40%). Contudo, responsabilidades familiares, dificuldades financeiras e experiências discriminatórias comprometeram suas permanências na vida acadêmica. Para fortalecer a permanência destas estudantes, recomendam-se ações como ampliação do suporte institucional, assistência às mães universitárias, políticas de acolhimento cultural, programas de monitoria direcionados e incentivo à participação em projetos acadêmicos, estreitando seus laços com o ambiente universitário. No contexto brasileiro, apenas 14% dos estudantes em cursos tecnológicos são mulheres, sendo a representatividade indígena ainda mais crítica neste cenário nacional. Embora políticas como a Lei de Cotas (12.711/2012) tenham expandido o acesso ao ensino superior, a permanência continua sendo um desafio considerável. Assim, este estudo evidencia a necessidade urgente de políticas inclusivas e fortalecimento da assistência estudantil para assegurar não apenas o ingresso, mas a permanência e conclusão da graduação por mulheres indígenas, promovendo um ambiente mais equitativo e que celebre a diversidade.

Palavras-chave: Gênero e tecnologias; Ensino superior indígena; Barreiras linguísticas; Mulheres indígenas.

ABSTRACT

The gender imbalance in technological fields results in scarce female representation in courses such as Computer Science, and this challenge intensifies among indigenous women, who face overlapping layers of social and structural obstacles. This scenario materializes at the Federal University of Western Pará (Ufopa), where the presence of indigenous women in the course is notably reduced. From 2012 to 2023, 16 indigenous students enrolled in the undergraduate Computer Science program. Of this total, 7 are women and there are no records of their completion through 2023. This research sought to map and understand the presence of indigenous women in the Computer Science course at Ufopa between 2012 and 2023. The investigation revealed significant challenges faced by these students, including adaptation to urban life, linguistic barriers, precarious school infrastructure in their communities of origin, insufficient institutional support, and experiences of discrimination, reported by 40% of the participants in our study. The study participants indicated that their course choice was motivated primarily by the desire to contribute to their communities (60%) and by affinity with the field (40%). However, family responsibilities, financial difficulties, and discriminatory experiences compromised their persistence in academic life. To strengthen the retention of these students, recommended actions include expanding institutional support, assistance for university mothers, cultural welcoming policies, targeted tutoring programs, and encouraging participation in academic projects, strengthening their ties with the university environment. In the Brazilian context, only 14% of students in technological courses are women, with indigenous representation being even more critical in this national scenario. Although policies such as the Quota Law (12.711/2012) have expanded access to higher education, retention continues to be a considerable challenge. Thus, this study highlights the urgent need for inclusive policies and strengthened student assistance to ensure not only enrollment, but the persistence and graduation completion by indigenous women, promoting a more equitable environment that celebrates diversity.

Keywords: Gender and technologies; Indigenous higher education; Linguistic barriers; Indigenous women.

LISTA DE SIGLAS

PSEQ - Processo Seletivo Especial Quilombola

PSEI - Processo Seletivo Especial Indígena

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará

STEM - Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática

TIC - Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação

TI - Tecnologia da Informação

IME-USP - Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo

IEG - Instituto de Engenharia e Geociência

SBC - Sociedade Brasileira de Computação

FBI - Formação Básica Indígena

CGPRITS - Comitê Gestor de Programas Institucionais

MEC - Ministério da Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivos	10
1.1.1 Geral.....	10
1.1.2 Específicos	10
1.2 Justificativa	10
1.3 Organização do trabalho.....	11
2 TRABALHOS RELACIONADOS	11
3 DESENVOLVIMENTO	13
3.1 Metodologia.....	13
4 RESULTADOS	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICES	29

1 INTRODUÇÃO

A participação feminina nas áreas da Ciência e Tecnologia continua sendo um desafio significativo no Brasil. Como revela Nunes [1], apenas 14% dos estudantes em cursos de tecnologia da informação são mulheres – um número que conta uma história de portas fechadas e oportunidades limitadas. Quando olhamos para as mulheres indígenas nesse cenário, encontramos um território quase inexplorado pela pesquisa acadêmica, onde suas vozes e experiências permanecem na sombra. Saavedra, *et al.* em [2] nos lembram que, apesar das conquistas na busca por equidade de gênero no trabalho e na educação, muitas barreiras ainda resistem ao tempo. Certas áreas do conhecimento e setores profissionais continuam sendo terrenos onde a presença feminina é escassa, refletindo desigualdades enraizadas que precisam ser desafiadas com urgência. É irônico que, mesmo tendo sido pioneiras na fundação e desenvolvimento da Computação, as mulheres – especialmente as indígenas – permaneçam como exceções raras nesse universo.

Em respostas a essas questões, políticas públicas e iniciativas institucionais têm sido implementadas para promover a inclusão dos povos indígenas no ensino Superior. A aprovação da Lei nº 12.711/2012, também conhecida como Lei de Cotas [3], foi um marco importante na história da educação superior brasileira, garantindo 50% das vagas em instituições federais para estudantes oriundos de escolas públicas, com recortes específicos para grupos historicamente excluídos, como indígenas, quilombolas, pessoas negras e com deficiência. No entanto, ainda que tenha promovido avanços, ainda existem desafios relacionados a permanência e a inclusão desses estudantes nos cursos, especialmente nos cursos de tecnologia.

Com o objetivo de reforçar as políticas de inclusão da instituição, a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) localizada em Santarém, Pará, implementou processos seletivos especiais. Baseados no Regimento de Graduação (Resolução nº 331/2020/Consepe/Ufopa) [4] e na Política de Ações Afirmativas e Promoção da Igualdade Étnico-Racial (Resolução nº 200/2017-Consepe/Ufopa) [5], esses processos incluem o Processo Seletivo Especial Quilombola (PSEQ) e o Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI). Em particular, o PSEI teve sua origem em 2010, sob a coordenação da Universidade Federal do Pará (UFPA), demonstrando um compromisso duradouro com a inclusão de estudantes indígenas no ensino Superior.

As iniciativas adotadas pela Ufopa vão além da simples aplicação da lei de cotas, refletem um compromisso institucional em adaptar e expandir as políticas inclusivas às realidades e necessidades específicas da região amazônica. Ao criar mecanismos de ingresso direcionados para os indígenas e quilombolas, a universidade não apenas cumpre seu papel na democratização do ensino superior, mas também se posiciona como agente de transformação social na Amazônia, valorizando e reconhecendo a rica diversidade étnico-racial da região.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 GERAL

Identificar e analisar a presença das mulheres indígenas no curso de Ciência da Computação na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) nos anos de 2012 a 2023.

1.1.2 ESPECÍFICOS

- Mapear os dados do ingresso de mulheres indígenas na Ufopa no curso de Ciência da Computação.
- Analisar tendências no número de matrículas, de desistências e de formandas indígenas no curso.
- Investigar os principais fatores que impactam positivamente e negativamente o ingresso e a permanência das mulheres indígenas no curso.

1.2 JUSTIFICATIVA

A inclusão de mulheres indígenas no ensino superior, representa um grande desafio significativo e uma oportunidade essencial para promover a igualdade e a diversidade na Universidade, tendo em vista que particularmente a área da ciência da computação é tradicionalmente dominada por homens, e a Ufopa ter um papel fundamental nesse processo de inclusão, considerando-se que ela está situada em uma região com expressiva população indígena [6] [7].

A análise e mapeamento da presença de mulheres indígenas no curso de Ciência da Computação na Ufopa entre 2012 a 2023 é de grande importância, pois

permitirá compreender e evidenciar os desafios enfrentados por essas mulheres, cujo potencial acadêmico e profissional muitas vezes é sufocado por questões estruturais [8]. Os obstáculos vão além da desigualdade de gênero e incluem a marginalização histórica dos povos indígenas [9].

Considerando o cenário atual de desigualdades enfrentadas pelas mulheres indígenas no ensino Superior, especificamente em ciência da computação, esse estudo é extremamente relevante e oportuno, visto que a pesquisa tem o potencial de preencher uma lacuna importante na literatura e também poderá influenciar positivamente a implementação futura de políticas que valorizem a diversidade e garantam a permanência dessas mulheres no ensino superior, promovendo, assim, maior inclusão e justiça social [10] [11][12].

1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho está organizado em diferentes seções para melhor apresentar sua estrutura e desenvolvimento da pesquisa. A seção II, aborda os trabalhos já existentes sobre mulheres indígenas na Computação, apresentando estudos importantes que servem para ajudar a entender melhor o cenário atual e descobrir pontos ainda não explorados que tornam esta pesquisa necessária. Já na III seção, é apresentada a metodologia utilizada para a pesquisa. São detalhados os métodos de coleta de dados e as técnicas de análise utilizadas. A interpretação das informações demonstra como os resultados se conectam diretamente com as questões de representatividade indígena feminina no universo tecnológico, evidenciando variantes importantes e complexas deste contexto e, por fim, a Seção IV traz as considerações finais e destaca as principais conclusões, além de sugerir estratégias para melhorar a inclusão das mulheres indígenas na Ciência da Computação, assim este trabalho será concluído.

2 TRABALHOS RELACIONADOS

Embora sejam escassas as investigações focadas na análise, discussão e proposição de soluções para aumentar a presença de mulheres indígenas no campo tecnológico, algumas pesquisas já abordam essa temática de maneira abrangente. Tais estudos oferecem perspectivas valiosas sobre os desafios enfrentados por

essas mulheres no ensino superior, especialmente no curso de Ciência da Computação. Esses trabalhos permitem compreender as barreiras estruturais, sociais e acadêmicas que limitam a participação desse grupo historicamente marginalizado no ambiente tecnológico, contribuindo para uma reflexão crítica sobre inclusão e representatividade. [6], [8], [10], [11], [12],[15].

O panorama da representatividade feminina nos cursos de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) permanece significativamente desigual. Dados de 2023 revelam que as mulheres constituem apenas 26% dos novos alunos nessas áreas [13]. Na Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a situação é ainda mais crítica, com apenas 13,3% de representatividade feminina entre os estudantes [13]. Em 2022, somente 15% dos formandos em TI e Computação eram mulheres. Um dado histórico impressionante mostra que em 1974, no IME-USP, 70% dos graduados em Ciências da Computação eram mulheres, percentual que despencou para 15% em 2016, evidenciando um preocupante retrocesso na participação feminina nesse campo [14].

O curso de Ciência da Computação da Ufopa, criado em 2013 pela portaria nº 152, é ofertado pelo Instituto de Engenharia e Geociência (IEG) com duração de 9 semestres. A formação totaliza 3300 horas, sendo 3060 horas em disciplinas e 240 horas em atividades complementares, com foco central no desenvolvimento científico e tecnológico de software.[15][16]. Sua estrutura curricular abrange quatro áreas essenciais: básica, tecnológica, complementar e humanística. Fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no Currículo de referência da SBC, o curso busca formar profissionais completos, capacitando-os em fundamentos matemáticos, teoria computacional e pesquisa. O perfil do egresso é de um profissional competente, ético, consciente e empreendedor, preparado para carreira acadêmica e mercado de trabalho. Oferece flexibilidade através de disciplinas eletivas e optativas, permitindo personalização da formação. O Trabalho de Conclusão de Curso é desenvolvido nos dois últimos semestres.[15][16].

Quanto à participação de mulheres indígenas no curso de Ciência da Computação no Brasil, especialmente na Ufopa, vale ressaltar que há uma escassez de dados específicos sobre esse assunto. Essa lacuna na literatura acadêmica e científica reflete a invisibilidade histórica dessas mulheres em diversos setores, incluindo o tecnológico. Embora haja poucos dados, a Ufopa tem registrado avanços na inclusão de estudantes indígenas. Em 2023 foram analisados quantitativamente

o ingresso de estudantes indígenas entre os anos de 2010 e 2023 na Ufopa. A pesquisa [17] constatou, com base nos dados institucionais, que entre 2010-2023, 856 alunos ingressaram pelo PSEI, sendo deste total 433 mulheres indígenas. Esses números demonstram o sucesso das políticas afirmativas e o protagonismo feminino na educação superior amazônica, simbolizando transformação social e inclusão [17]. Foi desenvolvido também um programa chamado Formação Básica Indígena (FBI) para fortalecer a formação inicial dos estudantes indígenas que ingressam na instituição via Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) e valorizar sua cultura e conhecimentos tradicionais, o qual contribui indiretamente para a coleta de dados sobre sua participação [17][18].

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem quantitativa e descritiva, baseada na análise de dados históricos do Curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Inicialmente, foram coletados dados referentes a todos os estudantes indígenas ingressantes na UFOPA no período de 2012 a 2023. Essas informações foram obtidas no âmbito do Projeto Integrado "Análise da percepção e avaliação da cartografia linguística dos povos indígenas da UFOPA: o desenvolvimento de uma metodologia institucional integrada na elaboração de diretrizes para a construção da política linguística indígena" (Edital N° 001/2023 – CGPRITS/UFOPA), que já havia mapeado e identificado os ingressantes indígenas da universidade. Após a coleta, os dados foram submetidos a um processo de filtragem para identificar especificamente as mulheres indígenas aprovadas e matriculadas no Curso de Ciências da Computação.

Com os dados em posse, foi realizado um primeiro contato com as estudantes para apresentar os objetivos da pesquisa e convidá-las a participar do estudo. Em seguida, aplicou-se um formulário eletrônico, elaborado por meio da ferramenta *Google Forms*, junto às discentes indígenas selecionadas. O instrumento de coleta continha 18 questões, incluindo perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de investigar tanto aspectos socioeconômicos quanto elementos específicos da trajetória acadêmica das participantes no curso.

Os dados obtidos foram analisados quantitativamente, buscando identificar

padrões e tendências que contribuam para a compreensão do perfil e dos desafios enfrentados pelas mulheres indígenas no Curso de Ciências da Computação da Ufopa.

Os dados obtidos por meio dos formulários foram agrupados e analisados em planilha eletrônica do *Microsoft Excel* (2024). Foi utilizada a análise descritiva posteriormente sintetizada em tabelas e gráfico.

4 RESULTADOS

No período de 2012 a 2023, foram registrados 16 ingressantes indígenas no Curso de Ciências da Computação da UFOPA por meio do Processo Seletivo Especial Indígena. Na figura 1 é possível observar que com o passar dos anos o ingresso de mulheres indígenas no curso tornou-se inferior quando comparado aos homens indígenas ingressantes.

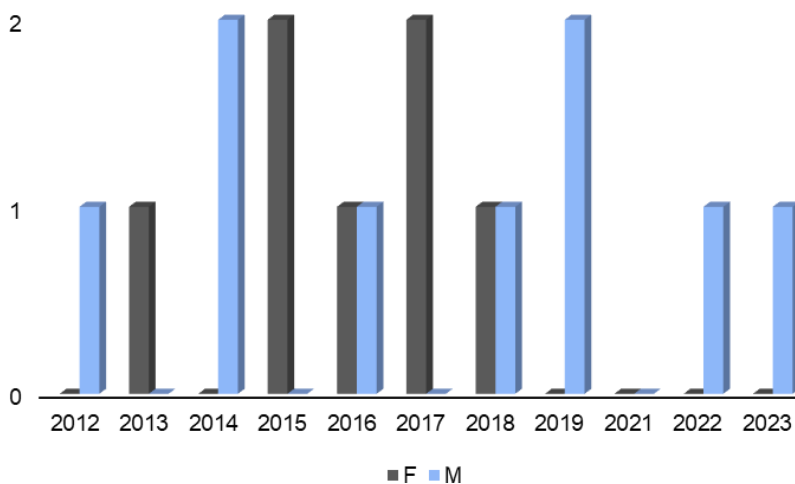


Figura 1. Número total de ingressantes por sexo no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará no período de 2012 a 2023.

É importante ressaltar que até o ano de 2014, não existia um número de vagas por curso definidas em edital, sendo que a opção pelos cursos de graduação acontecia durante o percurso acadêmico do candidato aprovado, observando a progressão nos ciclos de estudos conforme o seu Índice de Desempenho Acadêmico, sendo este regulamentado pela Portaria n.º 9.149, de 16 de março de 2012. Somente a partir de 2015, os editais do PSEI passaram a estabelecer a distribuição de vagas por curso, sendo destinadas anualmente duas vagas para o

Curso de Ciências da Computação, com exceção do ano de 2020, quando nenhuma vaga foi ofertada para a referida graduação.

Ao longo dos 12 anos analisados, apenas sete mulheres indígenas ingressaram no curso. Conforme apresentado na Figura 2, nos anos de 2015 e 2017, todas as vagas destinadas a candidatos indígenas foram ocupadas por mulheres. No entanto, desde 2019, não houve mais ingresso de estudantes indígenas do sexo feminino no curso, sendo todas as vagas disponíveis ocupadas por homens.

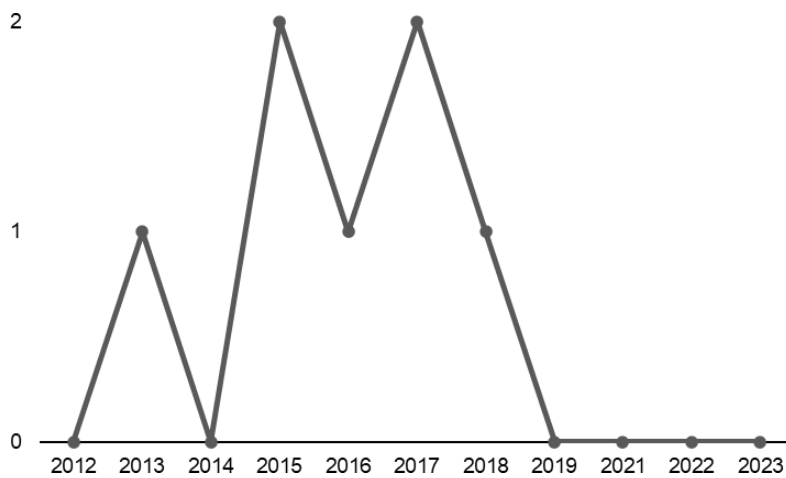


Figura 2. Número total de vagas que foram ocupadas por mulheres indígenas no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará no período de 2012 a 2023.

Entre as estudantes indígenas ingressantes no curso de Ciências da Computação, identificou-se que quatro pertencem ao povo Tupinambá, uma ao povo Arapiun, uma ao povo Munduruku e uma ao povo Tapuia (Figura 3).

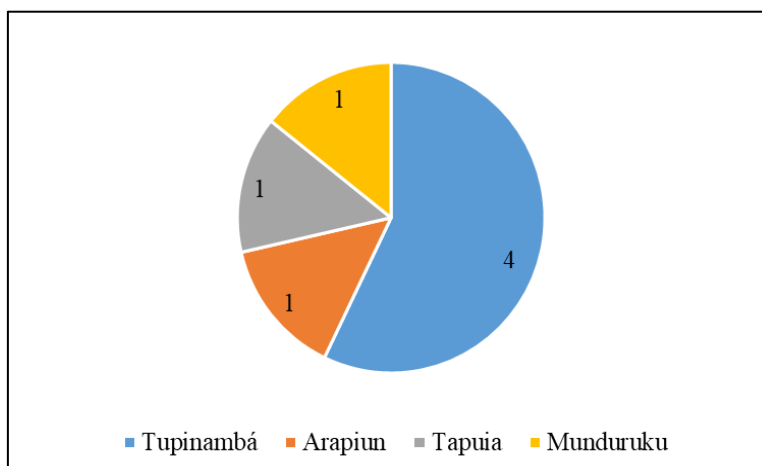


Figura 3. Quantidade de alunas indígenas por suas etnias no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará no período de 2012 a 2023.

Dentre elas, quatro desistiram do curso, enquanto apenas três permanecem ativas, e, até 2023, nenhuma havia concluído a graduação. Esse dado é alarmante, considerando que já se passaram 12 anos desde as primeiras ingressantes, evidenciando a necessidade urgente de compreender e desenvolver políticas que minimizem os desafios que essas estudantes enfrentam. A análise desses obstáculos é fundamental para o desenvolvimento de políticas institucionais mais eficazes e para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo, não apenas na Ufopa, mas também como referência para outras instituições que enfrentam desafios semelhantes.

Destaca-se que apenas cinco das setes estudantes responderam ao questionário aplicado. A faixa etária das participantes desta pesquisa variou entre 26 e 39 anos.

Ao analisar as motivações que levaram as estudantes indígenas a escolherem o curso de Ciências da Computação, verificou-se que 60% das respondentes indicaram a "possibilidade de contribuir para a minha comunidade indígena" como principal fator de escolha, enquanto os outros 40% apontaram o "interesse na área" como razão determinante.

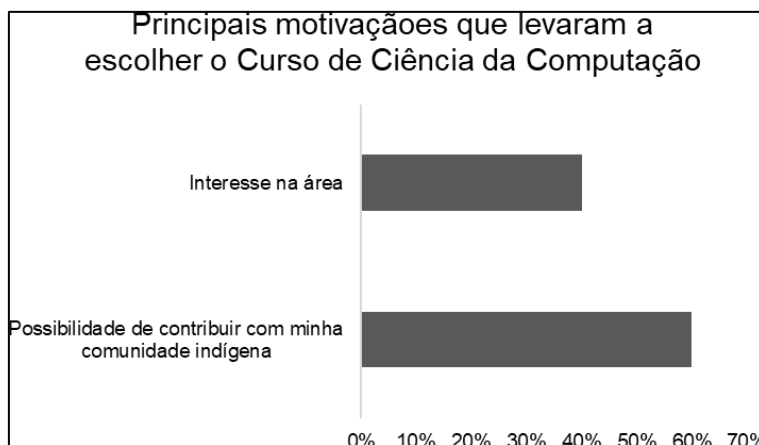


Figura 4. Principais motivações que levaram as alunas a escolherem o curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará.

O acesso ao ensino Superior pelos povos indígenas é importante para incentivar seus próprios projetos de desenvolvimento. Essa busca por uma educação universitária fortalece os saberes tradicionais, o aprimoramento de suas organizações comunitárias e a ampliação de suas habilidades de diálogo, articulação e influência dos indígenas, tanto internamente quanto em contextos externos [19]. Além disso, a educação superior se torna uma ferramenta de empoderamento, permitindo que os povos indígenas fortaleçam sua identidade cultural enquanto adquirem novas habilidades[19][20].

A Tabela 1 apresenta os principais desafios enfrentados pelas alunas indígenas ao longo de sua trajetória acadêmica, destacando-se a "Compreensão de conteúdos" e a "Falta de rede de apoio institucional ou social", mencionadas por 80% e 60% das entrevistadas, respectivamente.

Tabela 1. Principais desafios enfrentados pelas alunas indígenas no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Dificuldades	Frequência de respostas
Compreensão de conteúdos	80%
Falta de rede de apoio Institucional ou social	60%
Adaptação a mudança de ambiente - Aldeia para a cidade	40%
Barreiras linguísticas	20%
Preconceito ou discriminação	20%
Familiarização com o uso de tecnologias	20%

A adaptação à mudança do ambiente da aldeia/território para a cidade, as barreiras linguísticas, o preconceito ou discriminação e a familiarização com o uso de tecnologias são dificuldades que também merecem atenção no contexto acadêmico. A última dificuldade mencionada revela que algumas ingressantes não possuíam experiência prévia com computadores devido à ausência desses recursos em suas comunidades de origem. Um estudo revelou que os universitários enfrentam diversos desafios para permanecer no ensino Superior. Dentre os principais obstáculos estão as dificuldades de relacionamento interpessoal com colegas e professores, a adaptação ao novo ambiente acadêmico, além das diferenças entre ensino médio e a universidade, como a burocracia e o alto nível de exigência acadêmica. Questões financeiras, dificuldades em conciliar os estudos com outras demandas de vida, limitações cognitivas, carência de estrutura e suporte oferecidos pela instituição também impactam a permanência dos estudantes na universidade.

Além disso, o afastamento da família e problemas de transporte são fatores que agravam essa situação, evidenciando a necessidade de suporte institucional para garantir o acesso acadêmico [21][22].

Mulheres indígenas universitárias enfrentam obstáculos significativos: destacando a falta de apoio nos cursos, dificuldades financeiras, acompanhamento pedagógico inadequado, preconceito, e a distância da família e do território indígena. Diante dessas dificuldades, ao serem questionadas sobre as estratégias adotadas para enfrentá-las, 40% das respondentes relataram a tendência ao isolamento no ambiente acadêmico, enquanto outras 40% buscaram auxílio junto a colegas ou por meio de consultas na internet. Esse resultado sugere que, embora uma parcela das estudantes tenha recorrido a redes de apoio para lidar com os desafios, um percentual equivalente optou pelo isolamento, o que pode indicar dificuldades na integração ao meio universitário. As 20% restantes correspondem às alunas que, diante das adversidades, decidiram interromper sua trajetória acadêmica.

O isolamento social e acadêmico pode ser um fator extremamente preocupante, visto que a falta de interação e engajamento com colegas, professores e a instituição de ensino pode impactar negativamente para o desempenho acadêmico e a permanência dos estudantes em seus respectivos cursos. Esse cenário reforça a necessidade urgente de políticas institucionais que promovam um ambiente mais inclusivo e favorável à permanência das estudantes indígenas, oferecendo serviços de aconselhamento, apoio psicológico e estratégias para lidar com o isolamento. Além disso, é importante que as universidades promovam ações de integração e fortalecimento do vínculo aluno-instituição, mesmo em contexto de ensino remoto [22][23][24][25][26].

Nesse contexto, destaca-se que a Ufopa desenvolve o Projeto *CEANAMA*, coordenado pela Pró-Reitoria de Ensino (Proen), com o objetivo de oferecer suporte pedagógico aos estudantes indígenas. De maneira geral, os bolsistas monitores auxiliam os estudantes indígenas em sua adaptação ao ambiente acadêmico, proporcionando orientação sobre técnicas e estratégias que favoreçam um melhor desempenho educacional [17][27][28][29].

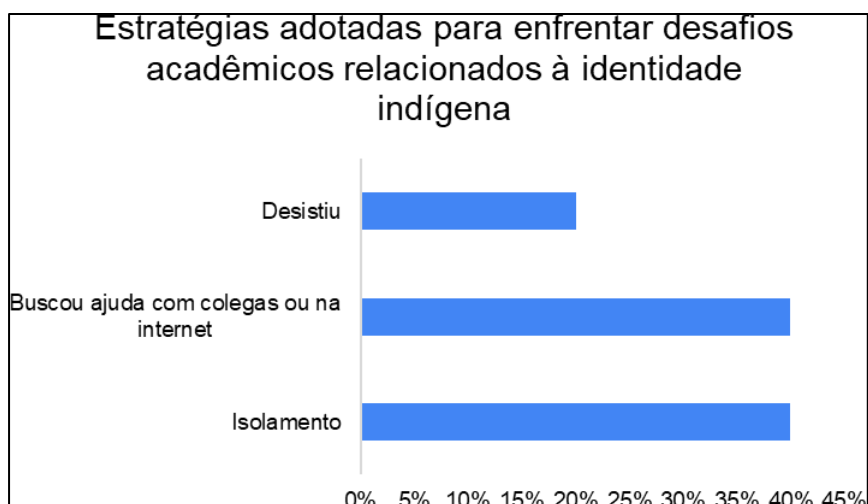


Figura 5. Estratégias para enfrentar os desafios enfrentados pelas alunas indígenas no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Além disso, as participantes sugeriram possíveis recursos e estratégias institucionais que poderiam contribuir para minimizar essas dificuldades. Dentre as propostas destacam-se o fortalecimento do apoio da coordenação do curso, a implementação de programas de monitoria específicos para estudantes indígenas, a realização de formações voltadas à integração desses discentes nos espaços acadêmicos não indígenas e apoio dentro Universidade principalmente para as mães que não tem rede de apoio.

Ao serem questionadas sobre a ocorrência de preconceito ou discriminação ao longo de sua trajetória acadêmica, 60% das estudantes responderam negativamente, enquanto 40% relataram ter enfrentado situações de preconceito e discriminação no ambiente universitário.

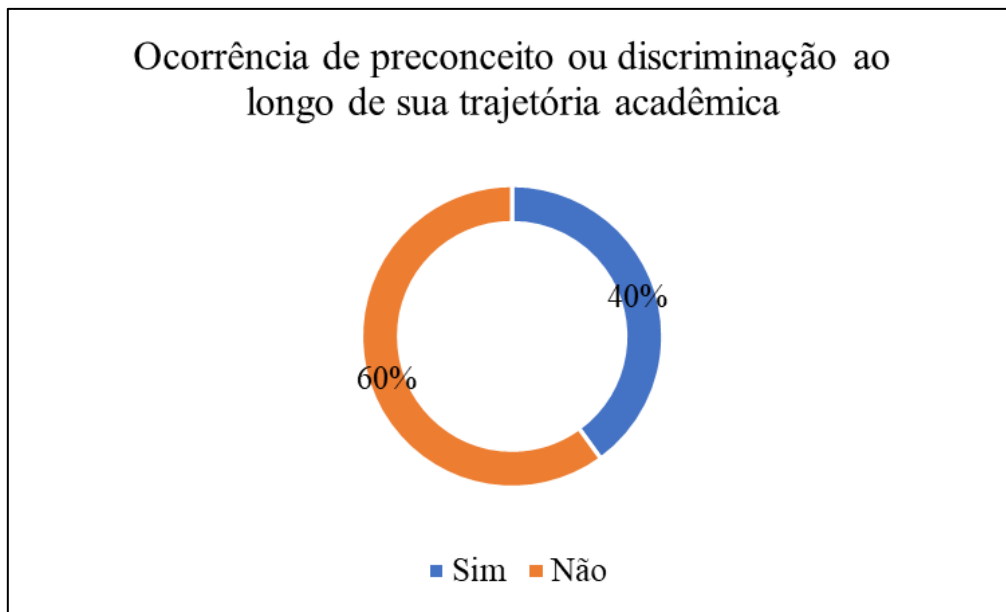


Figura 6. Percentual de preconceito ou discriminação ocorrido ao longo do período acadêmico com alunas indígenas no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Os desafios vivenciados por estudantes e professores indígenas nas universidades, refletem que esses desafios revelam problemas estruturais e culturais das instituições de ensino superior. A falta de preparo dos funcionários universitários resulta em negligência e discriminação, dificultando a adaptação e permanência dos estudantes indígenas. Além disso, a burocracia impõe obstáculos à obtenção de assistência estudantil, enquanto a discriminação impacta negativamente seu desempenho acadêmico [30][31][32].

Todas as estudantes entrevistadas (100%) informaram receber auxílio financeiro através do Programa Bolsa Permanência, no valor de R\$ 1.400,00, concedido pelo governo federal por meio do Ministério da Educação (MEC). Instituído em 2013, o programa oferece suporte financeiro a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com prioridade para indígenas e quilombolas, visando ampliar o acesso e garantir a permanência desses grupos no ensino superior [33]. O Programa Bolsa Permanência, aliado a outras iniciativas de assistência estudantil, tem sido essencial para ampliar o acesso dos estudantes indígenas ao ensino superior. No entanto, o valor da bolsa muitas vezes não é suficiente para

cobrir todas as despesas desses estudantes ao viverem fora de seus territórios de origem [34]. As limitações financeiras, responsabilidades familiares, discriminação institucional são apenas alguns exemplos enfrentados por elas [8] [9] [22]. Diante disso, estudos destacam a necessidade de políticas que garantam sua permanência acadêmica, considerando não apenas o auxílio financeiro, mas também os aspectos sociais e culturais, assegurando suporte e recursos adequados para seu pleno desenvolvimento e conclusão da formação [12] [35]. Dessa forma, o direito à educação deve ser entendido não apenas como acesso, mas como a garantia da participação integral no processo formativo, contribuindo para a superação de ciclos históricos de exclusão [36].

Constatou-se que 60 % das estudantes entrevistadas relataram ter participado de projetos de pesquisa ou extensão voltados para comunidades indígenas, enquanto a 40 % não tiveram envolvimento em tais iniciativas.

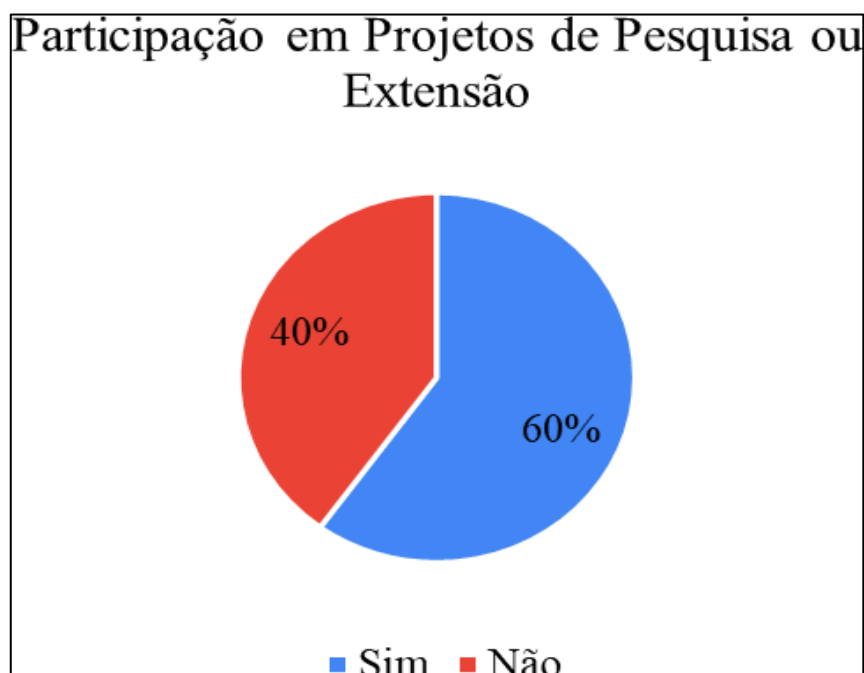


Figura 7. Participação das alunas indígenas no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará em Projetos de Pesquisa e Extensão.

Esse resultado mostra que ao ingressarem no ensino superior, as estudantes buscam não apenas uma formação profissional, mas também a valorização e a disseminação dos seus saberes tradicionais. A presença dessas mulheres no ensino superior e sua atuação em projetos de pesquisa e extensão ampliam as perspectivas acadêmicas e contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e plural. A Ufopa conta com diversos projetos de extensão, ensino e pesquisa, além de grupos de estudo voltados para a educação indígena. Essas iniciativas buscam promover a produção de conhecimentos que contribuam para a garantia e efetivação dos direitos indígenas no contexto amazônico [37].

Quanto à participação das estudantes em projetos ou iniciativas voltadas para a inclusão de indígenas na tecnologia, 80% relataram não ter acessado esse tipo de ação, enquanto 20% participaram de um projeto específico para indígenas.



Figura 8. Participação das alunas indígenas no curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará em Projetos ou iniciativas relacionadas à inclusão de indígenas na tecnologia.

O projeto mencionado ocorreu durante a Formação Básica Indígena (FBI), uma medida de ação afirmativa da Universidade Federal do Oeste do Pará que busca minimizar os desafios enfrentados pelos estudantes indígenas em seus cursos de graduação. A Formação Básica Indígena é um programa de formação inicial que busca promover a autonomia intelectual dos estudantes indígenas ingressantes pelo Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI). O programa aborda conteúdos das Ciências Exatas (Matemática), Ciências Humanas (Língua Portuguesa, Antropologia, Direito, entre outros) e Tecnologias, visando não apenas suprir lacunas deixadas pelo ensino básico, mas também estimular reflexões e estratégias para enfrentar o racismo e o preconceito ainda presentes em diversos espaços, incluindo o meio universitário. O baixo número de estudantes que acessaram essa iniciativa pode ser explicado pelo fato de se tratar de um projeto recente na universidade, instituído em 2017 por meio da Resolução nº 194, de 24 de abril de 2017.[17][18][38].

Entre as estudantes que desistiram do curso, duas apontaram como principal motivo as dificuldades acadêmicas, relacionadas à assimilação dos conteúdos e aos métodos de ensino adotados em sala de aula e à compreensão dos temas abordados. A evasão universitária pode estar associada a diversos fatores, como dificuldades financeiras, falta de apoio institucional e desafios de adaptação ao ambiente acadêmico. Além disso, destacam que esse fenômeno não se restringe aos estudantes indígenas, mas representa um desafio enfrentado por muitos universitários [39].

Apesar do número expressivo de estudantes indígenas na Ufopa e da existência de Políticas de Ações Afirmativas, a assistência pedagógica ainda é limitada, dificultando uma formação acadêmica plena. Embora a instituição disponha de um conjunto estruturado de políticas, poucas têm sido efetivamente implementadas. O estudo ressalta a importância da revisão e avaliação dessas políticas, além do engajamento de coletivos na promoção de mudanças estruturais [40].

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes resultados evidenciam os fatores que impactam na baixa representatividade de mulheres indígenas no Curso de Ciências da Computação da Ufopa entre 2012 e 2023, refletindo desafios estruturais e institucionais que refletem no acesso e na permanência dessas estudantes no ensino superior. Apesar do interesse dessas alunas em contribuir com as suas comunidades por meio da tecnologia, barreiras como a adaptação ao ambiente urbano, dificuldades acadêmicas, falta de suporte institucional e isolamento social são fatores determinantes para a alta taxa de evasão e a ausência de concluintes até 2023. Esse cenário ressalta a necessidade de políticas mais inclusivas que promovam a equidade no ingresso e na permanência das mulheres indígenas na universidade.

Além disso, a experiência acadêmica dessas estudantes é marcada por desafios como barreiras linguísticas, ausência de infraestrutura tecnológica adequada em suas comunidades de origem e dificuldades de integração ao ambiente universitário. O fato de 40% das participantes relatarem ter enfrentado preconceito e discriminação no ambiente universitário reforça a necessidade de ações institucionais para garantir um espaço mais inclusivo e respeitoso.

Diante desses desafios, as estudantes sugeriram iniciativas institucionais que podem contribuir para melhorar sua permanência no curso, como maior apoio da coordenação, monitorias específicas, políticas de acolhimento e suporte direcionado a mães estudantes. A participação em projetos de pesquisa e extensão demonstrou ser uma estratégia relevante para fortalecer o vínculo dessas alunas com a universidade, sugerindo que tais programas podem ser ampliados e incentivados. Assim, conclui-se que, além das políticas de acesso, é fundamental que as universidades implementem medidas estruturais e pedagógicas que garantam a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes indígenas, assegurando que a formação acadêmica esteja alinhada com as realidades e necessidades dessas populações.

Espera-se que este estudo sirva como ponto de partida para futuras pesquisas sobre a situação das mulheres indígenas na Ufopa, incentivando a produção de conhecimento nessa área. O fato de, após mais de uma década de ingresso de estudantes indígenas na instituição, não haver registros de conclusão das mulheres indígenas que ingressaram no curso Ciência da Computação evidencia um cenário que demanda atenção urgente e a implementação de ações específicas. Assim, este trabalho busca fornecer subsídios para a formulação de estratégias que possam

contribuir para a superação dos desafios atuais e a ampliação da permanência e conclusão de curso das mulheres indígenas no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Érica Soares et al. Desafios da Psicologia Indígena no atendimento a estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 41, p. e230095, 2024.

BANIWA, Gersem. Educação escolar indígena: estado e movimentos sociais. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 19, n. 33, p. 35-49, 2010.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DOEBBER, Michele Barcelos; BRITO, Patricia Oliveira. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 37-53, 2018.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; GUERRA, Bárbara Trevizan. O impacto da depressão para as interações sociais de universitários. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 14, n. 2 p. 429-452, 2014.

BRAGA, Gabriel Silva et al. Políticas públicas de ações afirmativas: desafios enfrentados por indígenas discentes na graduação da Universidade Federal do Pará. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 11, n. 1, p. 362-382, 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/588087>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Nº 389, de 9 de maio de 2013, que cria o Programa de Bolsa Permanência e dá outras providências. 2013. Disponível em http://sisbp.mec.gov.br/docs/Portaria-389_2013.pdf Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

DE LIMA, Maria Edinalva Sousa; QUARESMA, Edilan de Sant'Ana; LAGO, Maria do Socorro Bergeron. A busca por uma educação superior indígena de qualidade na Amazônia brasileira: desafios pela inclusão e permanência. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 23, p. e023038-e023038, 2023.

DE SOUSA, Cândida Camila; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo. Reflexões da relação dos indígenas com as tecnologias no ensino superior: Experiências na monitoria acadêmica ceanama–FBI/UFOPA. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 13, n. 1, jan-jun, p. 585-618, 2021.

DIAS, Ana Cristina Garcia et al. **Dificuldades percebidas na transição para a universidade**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 20, n. 1, p. 19-30, 2019.

ELEOTÉRIO, Valdênia Rodrigues Fernandes; SOUSA, A.; CUNHA, F. C. D. F. A mulher

indígena terena no ensino superior: tensões e possibilidades. **Por uma educação transformadora: práticas educativas antirracistas**, p. 12-21, 2022.

FAUSTINO, Rosângela Célia; NOVAK, Maria Simone Jacomini; CIPRIANO, Suzan Carneiro Vanfej. A presença indígena na universidade: acesso e permanência de estudantes Kaingang e Guarani no Ensino Superior do Paraná. **Revista Cocar**, v. 7, n. 13, p. 69-81, 2013.

FAUSTINO, Rosângela Célia; NOVAK, Maria Simone Jacomini; RODRIGUES, Isabel Cristina. O acesso de mulheres indígenas à universidade: trajetórias de lutas, estudos e conquistas. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. 01-30, 2020.

FERREIRA, Maria Antonia Vidal; DE VASCONCELOS SOARES, Lucas; CASTRO, Taciara Soares. ALUNOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE: o que mudou nas práticas curriculares do professor do ensino superior?. *Revista Exitus*, v. 11, p. e020158-e020158, 2021.

GARCÊS, Luka Martins et al. Processo de acesso e permanência de povos indígenas nas universidades do Brasil. **Revista Acervo Educacional**, v. 6, p. e17002-e17002, 2024. https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=18&lc=pt_BR. Acesso em: 22 mai. 2025.

LEITE, Marília Fernanda Pereira. **Da promoção da cartografia das línguas indígenas na universidade à construção de diretrizes para uma política linguística institucional multilíngue**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2025.

LIMA, Michelle Pinto. As mulheres na Ciência da Computação. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 793-816, 2013.

LUNA, Willian Fernandes; TEIXEIRA, Karla Caroline; LIMA, Giovana Kharfan de. Mapeamento e experiências de indígenas nas escolas médicas federais brasileiras: acesso e políticas de permanência. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e200621, 2021.

NUNES, Daltro José. Educação superior em computação, estatísticas 2015. **Sociedade Brasileira de Computação-SBC**. Disponível em:< <http://www.sbc.org.br/documentos-da-sbc/summary/133-estatisticas/1074-educacaosuperior-em-Computação-estatisticas-2015>>. Acesso em, v. 6, 2015.

OLIVEIRA, Angelo Altair; CELESTINO, Rafael Souza. JOVENS INDÍGENAS DA ETNIA KANELA DO ARAGUAIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG).**Revista Alembra**, v. 4, n. 8, p. 28-47, 2022.

OLIVEIRA, Angelo Altair; CELESTINO, Rafael Souza. JOVENS INDÍGENAS DA ETNIA KANELA DO ARAGUAIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG).**Revista Alembra**, v. 4, n. 8, p. 28-47, 2022.

OLIVEIRA, Jussara Ribeiro de; MELLO, Lívia Coelho; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de

pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Cadernos pagu**, n. 58, p. e205804, 2020.

PEREIRA, Terezinha do Socorro Lira. Os indígenas e o ensino superior na Amazônia: realidade e perspectivas da política de ação afirmativa da Universidade Federal do Oeste do Pará (2010–2015). 2017.

QUEIROZ FERREIRA, Patrícia; BUENO, Janaína Maria. Barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres no ambiente acadêmico e organizacional do setor de tecnologia da informação. **Teoria e Prática em Administração**, v. 13, n. 1, 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa Rodrigues Alves; BERETTA, Regina Célia de Souza; MESTRINER, Wilson. Representatividade indígena no ensino superior: promoção de saúde e sustentabilidade além dos territórios. **Saúde em Debate**, v. 48, n. spe1, p. e8709, 2024.

SAAVEDRA, Luísa; DO CÉU TAVEIRA, Maria; SILVA, Ana Daniela. **A sub representatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, v.11,n.1,p.49-59,2010.

SANTANA, Leonardo Sampaio Baleeiro; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **dificuldades dos povos indígenas para o acesso ao ensino superior.** Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 32, 2021.

SANTOS, Carolina Martins. Por que as mulheres “desapareceram” dos cursos de computação. **Jornal da USP**, v. 7, 2018.

SANTOS, Leidjane; GIBERTONI, Daniela. A questão da desigualdade de gênero na área de tecnologia da informação. **Revista Interface Tecnológica**, v. 20, n. 1, p. 51-62, 2023.

SANTOS, Liliene Rabelo; ARBUÉS, Margareth dos. POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS PARA MULHERES INDÍGENAS NA UFG. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 22, p. 12-32, 2023.

SILVA, V. R.; BRUNO, M. M.; MARTINS, F. B. **Ingresso de mulheres indígenas nas universidades cresce 620% desde 2009.** 2019 [em linha]. 2021.

TAPAJÓS DE FATO. **Mulheres, mães indígenas e a luta por uma política de permanência materna na UFOPA, em Santarém, no oeste do Pará.** ANAÍ – Associação Nacional de Ação Indigenista, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://anaind.org.br/noticias/mulheres-maes-indigenas-e-a-luta-por-uma-politica-de-permanencia-materna-na-ufopa-em-santarem-no-oeste-do-para/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. Curso de Ciência da Computação – IEG. SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. Disponível em: Universidade Federal do Oeste do Pará. **Histórico do Instituto de Engenharia e Geociências – IEG.** Disponível em: <https://ieg.ufopa.edu.br/ieg/instituto/historico/>. Acesso em: 6 mai. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. **Resolução nº 194, de 24 de abril de 2017**. Aprova o Projeto de Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2017. Disponível em: <https://www.ufopa.edu.br/media/file/site/ifii/documentos/2024/29f79617ae4a4e6c6e78bd9d811adcd1.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. Resolução nº 331/2020 - CONSEPE/UFOPA, de 9 de dezembro de 2020. Aprova o Regulamento das Atividades Acadêmicas de Graduação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2020. Disponível em: <https://www.ufopa.edu.br/media/file/site/proen/documentos/2020/a485f403a0787e606a735eacce4c62ec.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. Resolução nº 200/2017 – CONSEPE/UFOPA, de 13 de dezembro de 2017. Aprova o Regulamento de Assistência Estudantil da Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2017. Disponível em: <https://www.ufopa.edu.br/media/file/site/proges/documentos/2018/ef501080a526bdfadb4c6d31c42a809.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

VASCONCELOS SOARES, Lucas de; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; COLARES, Anselmo Alencar. A efetivação do direito à educação pública na Amazônia: dilemas diante de suas singularidades. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 15, p. 167-183, 2020.

VELOSO, Serena. Universidade planeja política de apoio à saúde mental. **UnB notícias**, 2018.

APÊNDICES

TESTE Formulário de Experiência

Acadêmica em Ciência da Computação

para Estudantes / Mulheres Indígenas

Este formulário foi projetado para ser utilizado como parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) conduzida por uma aluna indígena da Universidade do Oeste do Pará (UFOPA), com objetivo central compreender questões específicas enfrentadas por esse grupo dentro do contexto acadêmico da Ciência da Computação.

Ele foi cuidadosamente elaborado para ser inclusivo e sensível à diversidade cultural, reconhecendo a importância de considerar a identidade étnica e as experiências individuais das participantes. Ao responder a este formulário, as mulheres indígenas têm a oportunidade de compartilhar suas experiências pessoais, destacando tanto os aspectos positivos quanto os desafios enfrentados ao buscar educação superior em Ciência da Computação.

Agradecemos profundamente por sua participação neste estudo. Sua contribuição é fundamental para enriquecer nossa compreensão dos desafios enfrentados pelas mulheres indígenas na área da Ciência da Computação.

Contato da pesquisadora:
 Nome: Adriana Fernandes da Silva (Tupinambá)
 E-mail: dry2fernandes@gmail.com
 Endereço: UFOPA - Instituto de Engenharia de Geociência, Santarém - PA.

adriafernandes39@gmail.com [Mudar de conta](#)

Não compartilhado

Nome e idade:

Sua resposta

Semestre/Ano na Universidade:

Sua resposta

Instituição / Universidade:

Sua resposta

Etnia Indígena:

Sua resposta

Status Acadêmico:

Estudante Atual

Já Formado

Desistiu do Curso

PróximaPágina 1 de 5
Limpar formulário

Voltar
PróximaPágina 2 de 5
Limpar formulário

TESTE Formulário de Experiência Acadêmica em Ciência da Computação para Estudantes / Mulheres Indígenas

adriafernandes39@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

1) Quais foram as principais motivações para você escolher estudar ciência da computação?

- Interesse pessoal na área
- Possibilidade de contribuir para minha comunidade indígena
- Potencial de empregabilidade
- Influência familiar ou comunitária
- Outro: _____

2) Quais são os maiores desafios que você enfrentou/a como mulher indígena estudante na universidade?

Sua resposta _____

3) Como você lida com esses desafios específicos que podem surgir devido à sua identidade indígena?

Sua resposta _____

4) Que tipo de suporte ou recursos você acredita ser necessário para superar os desafios enfrentados?


Sua resposta _____

5) Você enfrentou/a algum tipo de discriminação ou preconceito durante sua jornada acadêmica? Se sim, poderia compartilhar algumas dessas experiências?

Sua resposta _____


[Voltar](#)

[Próxima](#)

 Página 3 de 5 [Limpar formulário](#)

TESTE Formulário de Experiência Acadêmica em Ciência da Computação para Estudantes / Mulheres Indígenas

adriafernandes39@gmail.com [Mudar de conta](#)

 Não compartilhado



6) Se você desistiu do curso, qual foi o principal motivo?

- Mudança de interesses
- Dificuldades acadêmicas
- Barreiras financeiras
- Discriminação ou falta de inclusão
- Outro: _____

7) Quais barreiras você enfrentou ou enfrenta como mulher indígena na área de Ciência da Computação? (Marque todas as opções aplicáveis)

- Discriminação de gênero
- Barreiras linguísticas
- Falta de representatividade e apoio da comunidade indígena
- Isolamento cultural e falta de conexão com outras mulheres indígenas na área
- Outro: _____

8) Você sente que suas necessidades culturais e identitárias foram/estão sendo atendidas pela universidade?

- Sim
- Não
- Talvez

9) Você já participou de projetos ou iniciativas relacionadas à inclusão de indígenas na tecnologia? Se sim, poderia compartilhar sua experiência?

Sua resposta _____

10) Você recebe algum tipo de auxílio financeiro ou bolsa da universidade para apoiar seus estudos? Se sim, qual?

Sua resposta _____

11) Você se sente representado(a) e incluído(a) nos espaços acadêmicos e atividades relacionadas à ciência da computação em sua instituição?

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não, de forma alguma
- Não, pouco

12) Como você lida com o sentimento de pertencimento ou não pertencimento dentro do ambiente acadêmico?

Sua resposta _____

13) Como você acredita que sua formação em ciência da computação pode impactar positivamente sua comunidade indígena? (Marque todas as opções aplicáveis)

- Inspirando futuras gerações de estudantes indígenas
- Elevando o perfil e a representação da comunidade indígena na indústria de tecnologia
- Criando oportunidades de emprego local
- Desenvolvendo soluções tecnológicas para desafios específicos da comunidade
- Outro: _____

[Voltar](#)

[Próxima](#)

Página 4 de 5 [Limpar formulário](#)

TESTE Formulário de Experiência Acadêmica em Ciência da Computação para Estudantes / Mulheres Indígenas

adriafernandes39@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

14) Você já teve a oportunidade de se envolver em projetos de pesquisa ou extensão que tenham impacto em comunidades indígenas?

- Sim, participei de projetos de extensão voltados para o apoio às comunidades indígenas.
- Sim, participei de projetos de pesquisa com foco em comunidades indígenas.
- Sim, participei tanto de projetos de pesquisa quanto de extensão com impacto em comunidades indígenas.
- Não, ainda não tive essa oportunidade.
- Não sei / Não me recordo.

15) Como você se sente representada no contexto acadêmico e profissional da computação?

Sua resposta

16) Como você gostaria de ver a representação de mulheres indígenas na área de tecnologia no futuro?

- Mais oportunidades de liderança e participação em cargos de destaque.
- Maior diversidade nos programas de educação e capacitação em tecnologia, incluindo mulheres indígenas.
- Iniciativas específicas para promover a inclusão e o desenvolvimento profissional de mulheres indígenas.
- Maior visibilidade e reconhecimento de suas contribuições para a área.
- Todas as opções acima.
- Não tenho opinião sobre o assunto.

17) Quais recursos ou programas específicos você acha que seriam úteis para apoiar mulheres indígenas na computação na universidade?

Sua resposta

18) Que conselho você daria para outras mulheres indígenas que estão considerando ingressar ou que já estão estudando ciência da computação na universidade?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Enviar](#)

Página 5 de 5

[Limpar formulário](#)